



## PONTOS DE UMA VARIÁVEL E COMPLEXA QUESTÃO: TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO



Maria das Graças de Castro NOGUEIRA\*

### RESUMO

Este trabalho compreende alguns estudos teóricos de tradução e de adaptação vinculada ao ato de reescrever que se apresenta conforme as normas, as práticas envolvidas na arte da transposição, compreendidas em variadas peculiaridades de tempo e cultura. Para se posicionar nesse caminho, tem-se o objetivo de conhecer as principais posturas teóricas envolventes nas duas disciplinas que proporcionam um conjunto de ideias distintas e ao mesmo tempo em que se sobrepõem. Portanto, refletir sobre uma revisão crítica das teorias sobre os relevantes efeitos da tradução e da adaptação de obras literárias atreladas ao seu novo texto, aos valores subjetivos da formação dos leitores, das influências culturais, políticas e sociais sobre a recriação/ reescrita da obra, permitirá uma reconstituição dos elementos em discussões de distintos conceitos de tradução e adaptação estendidos nas últimas décadas.

Palavras-chave: Tradução. Adaptação. Teoria.

### 1 INTRODUÇÃO

O trabalho de um adaptador ou tradutor é sempre árduo ao tentar levar para o leitor um novo texto que retém elementos do texto fonte, e ao mesmo tempo ir ao encontro da compreensibilidade do enredo, situações, ponto de vista, diálogo, etc., tornando explícitas as conexões entre a linguagem e as formas narrativas, além de outras artes como as cinematográficas, dança, pintura entre outras. Os tradutores e adaptadores fazem uso de diferentes formas de transformação/transcodificação, contudo procuram se manter ligados ao mesmo nível de contexto, ponto de vista, ou seja, com os mesmos elementos formais da obra. Todavia, precisa-se entender que há diferenças e semelhanças, concepções de limites entre as metodologias. Tanto o adaptador quanto o tradutor procuram olhar para as glórias e valores da obra, de

---

\* Doutora em Letras: Literatura de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

acordo com seus pontos de abordagem. Geralmente, a adaptação dispõe para o leitor interferências e alteração profunda no sentido de revitalizar o familiar da obra, já da tradução, cobra-se muito por regras de fidelidade, entretanto ambos os trabalhos possuem estratégias que são influenciadas por ideologias e normas da sociedade, que nunca são neutras ou invisíveis. Por isso, que em uma reescrita do texto original faz-se ecoar ruídos interferentes: leitores, críticos, editores, ilustradores, educadores, professores, pais etc., sempre de acordo com interesses e culturas, salientando interferências nas questões linguísticas e culturais, as quais podem ser trocadas ou eliminadas, pois, muitas vezes, resultam em padrões considerados inadequados por determinados estudiosos.

## 2 CONCEITOS DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO

Das inúmeras definições de tradução e adaptação, é preciso se deter em um das primeiras noções básicas de definição da tradução. Uns dos passos iniciais se encontram no artigo “Aspectos linguísticos da tradução” de Roman Jakobson, publicado originalmente em 1959, o qual contribuiu com muitas reflexões sobre os signos verbais para aquele que se interessa em investigar o processo da tradução. Segundo ele, os signos verbais podem ser interpretados de três modos:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica - ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON 1995, p. 64).

A distinção oferece uma teorização coerente com a extensão da prática, incluindo todas as partes destacadas de um conjunto da obra de arte. Para essa escrita, a tradução intralingual, de uma forma poética para outra, e a intersemiótica, de um sistema de signos para outro, irão ilustrar o processo de adaptação. Dessa maneira, o que se vê é uma construção linguística transposta na própria língua e em outra linguagem qualquer, por exemplo, dos muitos filmes inspirados em livros. Assim sendo, a adaptação, ao manter a qualidade literária de um texto dentro de uma sociedade, tenta cumprir a função de transpor o texto original de um tempo e de uma cultura para outro tempo e cultura presente, e de tal modo, mantém certa natureza da literatura ao público-leitor, enquanto a tradução para muitos enfoca a

obra original. Contudo, o estudo de tradução apresenta propriedades análogas para avaliar os meios de adaptação de um texto. Apesar da tradução e adaptação serem reconhecidas e praticadas desde os tempos remotos, não possuem uma definição absoluta. E o mesmo acontece a respeito do objeto, que está ligado com as transformações de um formato ou gênero em outro. O objeto de estudo pode se apresentar como transposição de textos em uma outra língua ou na mesma língua, facilitação de textos clássicos para público infante juvenil, e ainda ao estar direcionado da arte verbal para música, dança, cinema, teatro, etc. , tudo dentro do reino da intertextualidade como intralingual, interlingual ou intersemiótico. Essas duas artes são, portanto, o processo de transposição, reorganização, reconstituição que acabam restabelecendo o sentido do discurso da obra original, confortavelmente, em uma nova mídia, transmitindo outros níveis de riqueza que não ficaram visíveis anteriormente, como também possibilitando o nascimento de uma infinita variedade de novos textos, reescrito por meio de outras leituras na história cultural.

Para compreender as realidades de produção e do processo do ato de tradução e de adaptação é essencial ainda destacar o inter-relacionamento dos mesmos, à luz de uma análise dos diversos momentos socioculturais da recepção, uma vez que social e cultural são dois termos interligados por dois aspectos formadores do que há de real em uma sociedade. O cultural encontra-se no nível estrutural e é influenciado por fatores como poder, domínio, interesses nacionais, religião e economia. O social diz respeito aos agentes por meio do contato dos teóricos da tradução com o discurso filosófico, em que seus preceitos são expostos pelas suas vozes ao público leitor, em uma nova obra gerada por uma abordagem, aparentemente fortalecida por teorias da hermenêutica, cujas investigações sobre o ato da tradução demonstram um processo de interpretação de um texto. Nessa linha de pensamento, é válido observar que

O tradutor tem de transladar o sentido que se há de compreender ao contexto em que vive o outro interlocutor. Mas isso não quer dizer, evidentemente, que lhe seja permitido falsear o sentido a que se referia o outro. Antes, é o sentido que precisamente se tem de manter, mas como ele deve ser compreendido num mundo linguístico novo, tem de se fazer valer nele de uma forma nova. Toda tradução já é, por isso, uma interpretação, e inclusive pode-se dizer que é a consumação da interpretação, a qual o tradutor deixa amadurecer na palavra que se lhe oferece (GADAMER, 1999, p. 560).

Desse trecho extraído de **Verdade e Método**, observa-se que Gadamer retoma a teoria hermenêutica proposta por Schleiermacher, no século XVIII; respeitada por Wilhelm Dilthey, no século XIX; e por seu professor Heidegger, no século XX. Todos esses autores apresentaram um discurso sobre a tradução, em que é possível analisar esse ato ligado a fatores históricos e por isso os textos traduzidos serão diferentes conforme o ponto de vista da época. Enfim não é somente um processo de transferência linguística, mas também outra forma de relação com o mundo, por meio de variadas determinações.

O século XX iniciou-se com um horizonte filosófico demonstrado pelo ato tradutório dos autores Gadamer e Walter Benjamin como acentuados representantes. Suas novas configurações teóricas para os escritos sobre tradução foram de relevância para os estudos da tradução, e continuam a influenciar várias teorias contemporâneas como a do filósofo francês Jacques Derrida, na construção de sua corrente desconstrutivista da década de 1970 até os dias atuais. Segundo Susan Bassnett, “a releitura de Walter Benjamin feita por Jacques Derrida abriu as portas para uma reavaliação da importância da tradução não só como forma de comunicação, mas também como continuidade” (2003, p. 15). De modo que este ato garanta a sobrevivência do texto de partida.

Na linha desconstrutivista de Derrida vigora as dicotomias texto de partida versus texto de chegada, autor versus tradutor, sistema fonte versus sistema alvo, fidelidade versus liberdade. Nesse sentido, para explicar as dicotomias, Derrida retoma Walter Benjamin e aponta a tradução como possibilidade de ampliar a língua do texto de partida, sem se esquecer de que ela representa realidades únicas de um povo, ou seja, a estranheza da singularidade de cada língua, o que a torna impossível de traduzir, pois há sempre algo que permanecerá intraduzível. Contudo, por meio da desconstrução, ato esse que provoca um desmoronamento interno e evolutivo da língua original, é possível conduzir o texto de chegada a uma reescrita no seu contexto histórico particular, por meio de cada leitura/tradução.

Dentro dessa perspectiva, o ensaio *Des tours de Babel*, a lenda bíblica da torre de Babel, Derrida fundamenta a discussão sobre tradução, e segue a mesma linha do texto de Walter Benjamin, em sua obra **A tarefa do tradutor**, para dar continuidade à oposição recíproca da tradução como necessária e impossível e “assinala a chegada de uma corrente pós-estruturalista dos Estudos de Tradução e

demonstra uma vez mais os avanços da disciplina na última década” (BASSNETT, 2003, p. XXII).

Muitos estudos da tradução estão ligados à linguística, principalmente dos anos 60 e 70, como disciplina base, que mais informa nos estudos de textos traduzidos, contudo, tornou-se inevitável a identidade do tradutor responsável pelo texto alvo promovido pelas estratégias escolhidas, reconhecendo o contexto para melhor compreensão do ato na cultura de recepção.

Entretanto, as estratégias escolhidas são como um ato social seguido por normas, que possuem algumas principais ideias que sustentam o estudo da prática tradutória e conduz a uma melhor compreensão dos processos da tradução na cultura de recepção. Os estudiosos dessa linha teórica descritiva possuem uma conscientização do lugar dos tradutores na sociedade e do poder das traduções na formação das identidades nacionais e ideológicas, ao mesmo tempo em que avançam, ao propor discussões de questionamentos que integram a observação sistemática dos diversos aspectos da tradução, tais como as convenções textuais, a contextualização, a funcionalidade, entre outras.

Nessa linha teórica descritiva da tradução são citados Even-Zohar (1990) com Teoria dos polissistemas; Gideon Toury (1995) que investiga normas a serem seguidas quando duas línguas e duas tradições culturais são colocadas em contato; o estudo de patronagem de Andre Lefevere (1992) que no âmbito da historiografia enxerga o tradutor como manipulador e reescritor submetido aos padrões de comportamento do sistema, ancorado nas culturas de partida e de chegada, e que, segundo Lawrence Venuti (1995), em muitos casos, torna-o invisível, uma vez que as relações entre os textos de partida e de chegada estão sujeitas a uma leitura interpretativa determinada pelas língua e cultura de chegada. E esses estudos de tradução podem também ajudar a entender o campo dos estudos de adaptação, uma vez que as relações entre os textos de partida e de chegada estão sujeitos à uma leitura interpretativa determinada pelas língua e cultura de chegada.

Even-zohar publicou uma série de ensaios sobre a concepção da teoria do polissistema, os quais estão reunidos na edição de **Poetics Today: international journal for theory and analysis of literature and communication**. Essa edição consta de versões mais inovadoras e convenientes de seus textos que foram escritos nos anos de 1969 até a década de 1990. Segundo esse crítico, estudar os

fenômenos semióticos, tais como cultura, linguagem, literatura, sociedade como sistema, permite verificar que eles não são conglomerados de elementos díspares, mas agregados dinâmicos. E quando tomados sob análise, propõem uma abordagem funcionalista fundamentada em uma rede de relações que abre caminho para detecção das leis gerais que governam a complexidade e a diversidade dos fenômenos, ao invés de apenas registrá-los e classificá-los.

Desse modo, tornou-se possível explicar que em um sistema não há separação entre as teorias do sistema estático e a do sistema dinâmico. Ainda, segundo Even-Zohar, a teoria do sistema estático foi erroneamente identificada como a única abordagem funcional e estrutural, e cita a escola linguística de Genebra, em particular os estudos de Saussure, que eliminaram dos estudos linguísticos uma análise extrassistêmica, mais precisamente os aspectos históricos dos sistemas.

Um dos modelos mais significativos desenvolvido a partir da teoria dos polissistemas localiza-se na teoria descritiva de Toury, que enfatiza a posição dos textos traduzidos no sistema receptor e desenvolve um método explícito para proceder à descrição das relações tradutórias entre os textos de chegada e de partida, e estabelecer uma hierarquia de fatores interligados. E para dar segmento a sua obra **In search of a theory of translation** (1980), retoma na obra **Descriptive translation studies and beyond (Estudos descritivos da tradução e além)** em 1995, um modelo que não julgue a versão final, mas que ajude a explicar os fenômenos em que ocorreu o ato tradutório e os procedimentos dos tradutores, os quais estão condicionados ao contexto sociocultural em que se traduz.

Para isso, Toury (1995) introduziu aos estudos das traduções literárias leis que chamou de *normas de tradução*, para ressaltar padrões comportamentais que dizem respeito aos textos traduzidos observáveis no sistema alvo, e aqueles relacionados com as estratégias tradutórias observáveis pelas escolhas dos tradutores, por meio de trechos traduzidos e de seus elementos representativos.

A obra **Descriptive translation studies and beyond**, publicada em 1995, aborda a natureza e o papel das normas de tradução, influenciando o processo tradutório na qualificação do texto traduzido. Toury associa à sua teoria dois respeitáveis conceitos: de teleologia e de norma.

Na vertente teleológica nega a validade das questões de gênese, isto é, da

visão tradicional da tradução, sustentada por uma causa platônica, que argumenta ser boa a tradução, conforme sua relação com o original. Nas das normas são as relações tradutórias que os tradutores selecionam em um dado contexto sociocultural para aplicá-las aos textos traduzidos, e assim estabelecer e manter a forma de comportamento social, caracterizado pelo “horizonte de expectativas” do tradutor na cultura de chegada.

Além dos pressupostos dos estudos acima, segundo André Lefevere (1992) deve-se refletir sobre a observação dos padrões socioculturais, ou seja, da “patronagem”, de acordo com diferentes contextos institucionais ou autoridades que os promovem no plano receptor. A apreciação do conceito de patronagem, do teórico, demonstra um componente político importante para se pesquisar, pois, muitas vezes, o incentivo e o patrocínio de editoras ou pessoas que atuam nessa área interferem nas preferências editoriais e na laboração de políticas culturais do sistema literário da tradução. Portanto, por meio desse fator, deve-se buscar compreender as condições de produção da linguagem, as culturas e as relações sociais, ou seja, as situações que são exteriores aos textos. E lembra que os tradutores “adaptam, manipulam até certo ponto os originais com os quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológicas ou poetológica dominante de sua época” (LEFEVERE, 2007, p. 23).

Reescritura, para Lefevere, além de ser a tradução, de forma óbvia, estabelece também uma atividade típica “entre leitores profissionais e não profissionais, entre as instituições de educação e a sociedade como um todo” (LEFEVERE, 2007, p. 17). Assim sendo, André Lefevere, por sua vez, apresenta a reescritura como manipulações que influenciam a produção das traduções, e, ainda, diz que tanto “no passado, assim como no presente criaram imagens de um escritor, de uma obra, de um período, de um gênero e, às vezes, de toda uma literatura” (2007, p. 18) Por intervenção da reescrita dos reescritores (intérpretes, críticos, revisores, professores de literatura entre outros), pode-se obter as condições de crescimento de uma literatura por meio do seu contexto.

Lawrence Venuti (2002) aponta em seus estudos sobre a prática e a teorização da tradução argumentos para se discutir os diversos aspectos da tradução com destaque para dois modos de recriar e transformar uma obra literária, e assim utiliza duas concepções de tradução: domesticadora e estrangeirizadora. A

tradução estrangeirizadora mantém muitas das particularidades do texto de partida, enquanto na domesticadora, o texto de partida sofre uma transposição de acordo com o “horizonte de expectativa” do tradutor, aproximando o texto da língua e cultura de chegada. Tal abordagem resulta na questão intertextual, o que demonstra um tipo de adaptação, inovação do texto de partida, construindo-o em outro.

É nessa linha que Venuti defende a visibilidade do tradutor, no sentido de trazer o reconhecimento e a valorização das diferenças linguísticas, sociais e culturais, para demonstrar que tanto o autor quanto o tradutor possuem expressões autorais, pois os aspectos envolvidos no ato criativo deles são interdependentes.

Com base nos estudos da tradução, o estudo de adaptação já projeta uma linha teórica discutida mais extensivamente pelos estudiosos dos dias atuais, a partir de enfoque predominantemente descritivo. Dentre as reflexões, destacam-se o conjunto de ideias dos autores a seguir, que apresentam outras questões de suportes textuais reforçadas com os estudos da transposição do original em analogia às suas prováveis adaptações.

## 2.1 EM RELAÇÃO AOS ESTUDOS DE ADAPTAÇÃO

A partir do momento que a noção de fidelidade começa a não ter sentido no estudo de tradução, entra em cena o ato ou efeito de adaptar, ajustar, adequar ou de apropriar da forma e do conteúdo de um texto canônico para torná-lo mais acessível a um grande público, e assim, vislumbrar todas as obras de arte de algum modo como **derivadas**.

A área de estudos com relação à adaptação se mantém sem um embasamento teórico acentuado. Todavia, os estudos culturais, os estudos de tradução e os estudos pós-estruturalismo oferecem perspectivas teóricas relevantes para análise crítica dessa área. Apesar da noção de fidelidade estar mais ligada à tradução, e da liberdade à adaptação, a questão de fidelidade permanece como um dos valores mais comuns para discutir a relação de um texto e seus processos pela crítica do público leitor. Porém, sabe-se que um grau de coincidência é muito difícil de atingir, devido a variedades de significados existentes em qualquer texto derivado das múltiplas leituras interpretativas, como também das relações estéticas que a



obra representa por meio de uma realidade sociocultural exclusiva e especial.

A teoria da adaptação com os representantes Robert Stam (2005), Linda Hutcheon (2006) e Julia Sanders (2006) possui questões teóricas notáveis no campo de estudos de adaptação para averiguar as transformações sofridas seja em um livro seja em outras representações. As propostas dos teóricos, além de conceituar a adaptação, combatem a noção de fidelidade, incluindo na análise elementos essenciais e necessários ao estudo de adaptação relacionada a dois níveis: o nível intersemiótico, no sentido romance e filme, e de outros objetos textos, tão diversos como ilustrações, capa, revistas em quadrinhos, em musicais, etc. Enfim, quaisquer relações entre códigos verbais e o nível intrasemiótico, ou seja, reformulação em uma mesma língua e cultura, como, por exemplo, o trabalho de adaptação da literatura infanto-juvenil.

Essa disposição da arte possibilita uma compreensão que aponta cada vez para modos em que as ideias, conceitos, mecanismos, estratégias e procedimentos típicos de adaptações fundamentais dentro de cada lógica e valor dos escritores. Robert Stam (2008) ressalta no início da introdução do seu livro **A literatura através do cinema: Realismo, Magia e Arte da Adaptação** que a noção de fidelidade deve ser rejeitada como um princípio metodológico e expressa:

O argumento geral de *A literatura através do cinema* entrelaça uma série de fios: a crítica do discurso da fidelidade, a natureza multicultural da intertextualidade artística, a natureza problemática do ilusionismo, a riqueza de alternativas “mágicas” e reflexivas ao realismo convencional e a importância crucial tanto da especificidade do meio de comunicação – o filme enquanto tal – quanto dos elementos migratórios, de entrecruzamento, compartilhados pelo cinema e outros tipos de mídia (STAM, 2008, p. 19).

Com esse esquema, pode-se acreditar não haver grande necessidade de se debater sobre os graus de proximidade com o texto original, demonstrando, portanto, expandir os caminhos do discurso, e assim novas abordagens metodológicas vão surgindo no sentido de acompanhar outras ocorrências adaptativas entre o texto de partida e o de chegada, entre livro e cinema, e de tal modo a tracejar o que as adaptações conseguirem captar, ou seja, apreender das muitas características despontadas em suas fontes. Desse modo, a linguagem tradicional e discriminatória da crítica à adaptação, que sempre emite um parecer que o texto adaptado propaga uma ideia de inferioridade, empobrecimento, um

parasita do texto original é a melhor obra, e que os termos como “infidelidade”, “traição”, “deformação”, “violação”, “vulgarização”, “adulteração” e “profanação” (p. 20), transportam a carga negativa do novo texto.

Portanto, ao se investigar as questões básicas mencionadas acima, o autor enfatiza que não deixa de apontar as relações estéticas que cada texto “original” e o adaptado apresentam inseridos na sua própria realidade sociocultural, em que a doutrina de fidelidade termina inadequada. E nessa mesma obra, ao refletir sobre os mecanismos acerca da teoria da adaptação, Stam destaca a rica natureza de termos e tropos tais como “tradução”, “realização”, “leitura”, “crítica”, “dialogização”, “canibalização”, “transmutação”, “transfiguração”, “encarnação”, “transmogrificação”, “transcodificação”, “desempenho”, “significação”, “reescrita”, “*detournement*” – que trazem à luz uma dimensão diferente da adaptação” (2008, p. 21). E assim, uma tendência que também marca uma linha para se conceituar a adaptação como apenas outro texto pertencente a um discurso aberto a essa recriação e contínuo de inclusão social e cultural.

Linda Hutcheon (2006), por sua vez, em **A theory of adaptation** defende igualmente as múltiplas formas de suportes em que acontecem as adaptações, deixando de lado os embasamentos da questão de fidelidade pautada na originalidade da obra de arte, e que esta pode ser adaptada a textos diversos como romances, óperas, peças teatrais, narrativas gráficas, balés, videogames, entre outros. Com isso, os mecanismos e estratégias envolvidas no processo de adaptação, antes voltadas para análise de estudos da literatura e cinema se ampliam diversificando a forma para se concretizar as ideias sobre adaptações direcionadas ao texto fonte, a começar por afastar uma aura de superioridade supostamente existente, e assim tornando o texto adaptado no mesmo nível de aceitação, por meio de uma espécie de transposição que expõe uma nova interpretação, adquirindo, então, distintos significados.

Desse modo, a autora canadense Linda Hucteon demonstra a existência de múltiplas formas de adaptações, uma vez que cada autor adaptará um texto original de acordo com sua visão de mundo e acredita que: “They use the same tools that storytellers have always used; they actualize or concretize ideas; they make simplifying selections, but also amplify and extrapolate, they make analogies; they critique or show their respect, and so on” (HUTCHEON, 2006, p. 03).

Assim sendo, Linda Hutcheon estabelece a adaptação por meio de uma argumentação sólida que desmitifica a hierarquia entre uma obra e outra existente na sociedade e defende ser necessário abordar uma dupla definição: processo e produto. Como produto é uma “transcodificação extensiva e particular” (as extensive, particular transcoding) (p. 22), e como processo visa reinterpretação criativa e intertextualidade palimpsestica (as creative reinterpretation and palimpsestic intertextuality), abrangendo a leitura do texto fonte feita pelo entendimento do público em geral. Pois, segundo a estudiosa: “...adaptations have an overt and defining relationship to prior texts, usually revealingly called “sources.” (HUTCHEON, 2006, p. 03).

Além desses dois modos de engajamento contar e mostrar entre as obras como foco de análise, outro ponto relevante é a atitude do público receptor, o modo de interagir com a obra influencia na recepção de uma determinada adaptação e, sobretudo os discursos críticos que depreciam as adaptações de um texto em relação ao texto original é um fenômeno que está presentemente sendo exposto na mídia. E esse fenômeno, provindo de uma parte significativa dos leitores, pode ser detectado nas várias mídias. Segundo Hutcheon, mídia é o “meio material de expressão de uma adaptação.” (HUTCHEON, 2006, p. 46). E é nesse meio de transporte que se põe em circulação ponto de vista depreciativo, comentários da crítica que trazem à tona a especificidade da obra e a sua adaptação. Por isso, enquanto suporte material das dimensões comunicativas e sociais desencadeiam variáveis mecanismos de compreensão que levam a aquisição de distintos significados. Portanto, para compreender os modos de engajamento entre texto e leitor como um modelo teórico da adaptação segundo Hutcheon deve-se saber que: “All three modes are arguably “immersive”, though to different degrees and in different ways: .....Interacting with a story is different again from being shown or told it – and not only because of the more immediate kind of immersion it allows.” (HUTCHEON, 2006, p. 22 e 25). Embora, os modos de engajamento contarem, mostrarem e interagirem, se complementam, conseqüentemente tornam um entendimento mais vasto do produto e processo da adaptação.

Uma outra linha teórica é de autoria da Julia Sanders (2006), com seu texto intitulado **Adaptation and appropriation**, em que defende uma obra por estabelecer relações de um meio para outro de uma determinada história conhecida ou fonte por

meio dos conhecimentos de adaptação e apropriação. Além de considerar a questão de adaptação atrelada à prática transformacional por invocar as reinterpretações do texto fonte em novos contextos. E afirma que a apropriação não representa uma aproximação evidente entre a obra e o seu texto, por isso, ela não se preocupa em fazer relações com a tradição, os valores e a hierarquia da obra, mas sim denotar uma relação intertextual menos explícita, porém mais crítica. Ou, nas palavras do professor da USP John Milton,

Julie Sanders' definition of "appropriation" is similar to Dryden's definition of "imitation" (see, for example, Bassnett-McGuire 1980:60): the original point of enunciation may now have changed, and although certain characteristics of the original may remain, the new text will be more that of the adapter or rewriter (MILTON, 2009, p. 51).

De regra, adaptação e apropriação são tratadas como um produto secundário de obras clássicas que geram discussões que não possuem uma posição firmada a respeito do valor dessa modalidade de texto. Contudo, a capacidade de recriação da adaptação e da apropriação não pode ser subestimada, e reflexões e análises sobre seus estudos vêm se tornando dinâmicas e discutidas por muitos críticos como um dos recursos à introdução dos leitores a evolução tecnológica que os meios de comunicação estabelecem com o processo de ressignificação, que anuncia seu percurso em direção à autonomia.

Geralmente com objetivos diferentes, reproduzir o conteúdo e a forma do original fundamenta-se em um campo teórico que visa caracterizar a transcodificação, a transformação, a leitura como prática intertextual de um texto adaptado. A postura dos autores Stam, Hutcheon e Sanders é presentemente apontada nos Estudos de Adaptação. Esses escritores estão em contínuo direcionamento da intertextualidade na arte da leitura e se servem de aspectos relevantes para o entendimento do processo a partir das teorias pós-estruturalista de Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva e Gérard Genette.

De acordo com Bakhtin, produzir uma obra adaptada é perceber a relação de que todo o discurso é associado a outros discursos, isto é, todo o discurso monológico se tornaria dialógico, resultando em uma estrutura polifônica do discurso. E desse universo do dialogismo, Julia Kristeva, associa-se também as ideias de Roland Barthes, que denominou a adaptação "not a 'work' but a 'text'" (BARTHES, 2006, p. 06), cunhou o termo intertextualidade divulgando que "(...) todo

texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto (...)" (2005: 68).

Em **Palimpsestos a literatura de segunda mão** (1982), com base em Bakhtin e Kristeva, Gérard Genette propõe outro termo "transtextualidade", o qual refere a tudo que coloca um texto em relação a outros textos, e amplia-o cinco tipos: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitekstualidade e hipertextualidade. E os elementos dessa classificação estão sempre se manifestando em análise de adaptação. Porém, o tipo hipertextualidade é o mais destacado nos estudos de adaptação, que segundo Genette é "toda relação que une um texto B (que chamarei de hipertexto) a um texto anterior A (que naturalmente, chamarei hipotexto)" (GENETTE, 2010, p. 16). A partir dessa tipologia, Stam apresenta sua própria definição, dizendo que "A "hipertextualidade" se refere á relação entre um texto, com um texto anterior , que o primeiro transforma, modifica, elabora ou estende" (STAM, 2006, p. 33). Apesar de esse item estar relacionado com a linguagem verbal de uma narrativa, no entanto sua compreensão remete a outros campos de estudos privilegiados por outros autores que contribuem para o desenvolvimento dos fundamentos teóricos para os estudos de adaptação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse entrecruzar do estudo de tradução análoga ao estudo de adaptação, obtêm-se epistemologias em apoio as diferentes investigações relacionadas com o estilo dos reescritores a um dado período e cultura, sem deixar de lado as preocupações dirigidas às questões da dimensão pragmática textual, ou seja, com os processos envolvidos na recriação do texto. Enfim, investigar as diversas maneiras metodológicas possíveis para que se possa embrenhar em um estudo crítico entre as obras literárias e a arte de tradução e de adaptação é um campo de pesquisas que predomina sobreposições em termos de metodologia, terminologia, portanto de uma abordagem multiperspectiva com finalidade de uma análise, de leitura de um texto adaptado à de uma obra clássica.

## POINTS OF A VARIABLE AND COMPLEX ISSUE: TRANSLATION AND ADAPTATION

### ABSTRACT

This study looks at some theoretical studies on translation and adaptation linked to the act of rewriting which is presented according to the norms and practices involved in the art of transposition, understood in a variety of peculiarities linked to the time and culture. To take up a position in this discussion, the objective is to know the principal theoretical positions involved in the two subjects of translation and adaptation which offer different ideas and which are placed side by side at the same time. Therefore, to reflect on the critical revisions of the theories with their relative effects on translation and adaptation of literary works linked to a new text, to the subjective values of the formation of the readers and the cultural, political and social influences on the recreation or rewriting of the work, allows a reconciliation of the elements in the discussion of distinctive concepts of translation and adaptation extended in relevance in the last few decades.

Keywords: Translation. Adaptation. Theory.

### REFERÊNCIAS

BAKTHIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1973.

BASSNET-MCGUIRE, Susan. **Translation Studies**. London: Methuen, 1980.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: fundamentos de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Trad. Cibele Braga et al. Belo horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Trad. André Cechinel. Santa Catarina: EDUFSC, 2011.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: \_\_\_\_\_. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Bikstein e José Paes. 20.a edição. São Paulo: Cultrix, 1995, p.64-65.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Cláudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MILTON, John. Translation Studies and Adaptation Studies. In: **Translation Research Projects 2**. Spain: Intercultural Studies Group, 2009.

NOGUEIRA, Maria G. C. **Teorias Textuais nas Estratégias Tradutórias das Memórias Póstumas de Brás Cubas**. (Tese de doutorado) Literaturas de Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**: Realismo, magia e arte da adaptação. Trad. Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. **Literature through film**: realism, magic and the art of adaptation. United States of America: Blackwell Publishing, 2005.

\_\_\_\_\_. Beyond fidelity: the dialogics of adaptation. In: NAREMORE, James. (org.). **Film Adaptation**. New Jersey: Tutgers University Press, 2000.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995